

FESTEJOS DE SANTO ANTÔNIO EM CANUDOS

*Equipe Pastoral de Canudos
maio de 1996*

“A festa de Santo Antônio representa uma fidelidade a esta terra”.

(Prof. José Calasans)¹

Canudos, que tem suas origens na figura carismática de Antônio Conselheiro, tem também como padroeiro Santo Antônio.

Canudos é Belo Monte, é a cidade reconstruída após a guerra (“Canudos velha”), é a Canudos atual. “Três Canudos”, sempre sob a proteção de Santo Antônio.

Por isso, o presente escrito aborda, em primeiro lugar, a origem da devoção a Santo Antônio nesta região, depois, o conteúdo central: como eram e continuam sendo os festejos em homenagem ao Santo e, à guisa de conclusão, o significado desta festa para a vida do povo canudense.

Mais do que fontes escritas, foram aqui aproveitados dados da tradição oral. A convivência com o povo ao longo de anos e a entrevista com pessoas mais idosas, vão revelando belezas de história e de vivências infinitamente maiores daquelas que estão emergindo com a baixa do nível das águas do açude Cocorobó.

SANTO ANTÔNIO NA HISTÓRIA DO POVO DE CANUDOS

Canudos, Antônio Conselheiro e Santo Antônio, trio inseparável que a história uniu.

Dois Antônios: o nome do cearense já é uma homenagem ao Santo de Lisboa e Pádua.

Na origem de Quixeramobim-CE, terra de Antônio Vicente Mendes Maciel, encontra-se a Fazenda de Santo Antônio, onde o devoto, capitão Antônio Dias Ferreira, construíra a capela de Santo Antônio, “semente da futura Quixeramobim”.²

Antônio Conselheiro cresce, “escutando desde a infância o benedito do santo padroeiro”,³ na Matriz de Santo Antônio de Quixeramobim. A casa de sua família estava situada numa rua que também lembrava o Santo.⁴

Assim, Antônio Conselheiro, em suas andanças pelo sertão nordestino e chegando à região de Canudos, carrega consigo, na bagagem de sua fé, a devoção a Santo Antônio. Torna-se para o povo, a própria encarnação de Santo Antônio. “Santo Antônio Aparecido” passa a ser um de seus títulos.

Por isso, na expressão do Prof. José Calasans, “a festa de Santo Antônio representa uma fidelidade a esta terra”.

Realmente, Santo Antônio faz parte da história do povo de Canudos, desde sua origem até os dias atuais. Sempre foi e continua sendo o santo mais festejado. A festa do padroeiro marca a vida do povo canudense como a maior festa religiosa e popular.

Santo Antônio, nascido em Lisboa, Portugal (1195), é enviado à África, Itália e França, como missionário franciscano, falecendo em Pádua, Itália, no dia 13 de junho de 1231. É um dos maiores santos no catolicismo popular.

O catolicismo popular foi introduzido no Brasil pelos colonizadores portugueses. É uma herança da fé medieval, onde a imagem de Deus é a projeção do senhor feudal e dos reis da época. É um Deus distante. É, acima de tudo, o Senhor poderoso.

Os santos aparecem, então, como próximos e familiares, muito humanos e sensíveis à vida dos devotos.

Com o passar do tempo, tornam-se os protetores de determinada pessoa, família ou lugar, passando a fazer parte de sua vida e de sua história, profundamente situados e localizados.⁵ Assim, Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua, passa a ser denominado Santo Antônio de Canudos.

SANTO ANTÔNIO EM BELO MONTE

Antes de fixar sua morada na fazenda Canudos, muitas vezes, nas suas andanças de peregrino, Antônio Conselheiro havia passado por esse lugar. Em junho de 1893, quando aí se estabelece com o grupo de seguidores, troca o nome de Canudos por Belo Monte.

“Um ano e pouco antes, com a ajuda da população das redondezas, iniciara a construção de uma capela dedicada a Santo Antônio”.⁶

No dia da chegada, provavelmente no dia de Santo Antônio, era esperado para a inauguração da Igreja. Ao receber as chaves do templo, ele faz uma prédica, onde aparece a declaração do padroeiro do lugar e o sentimento de alegria e gratidão que deseja despertar nos ouvintes:

“Seria sem dúvida uma consideração muito mal entendida, se eu me conservasse em silêncio com relação ao assunto que a faz objeto de tanto júbilo no dia de hoje, como indigno encarregado da construção da Igreja de Santo Antônio, padroeiro deste lugar, cuja obra se acha feita em virtude do poderoso auxílio do Bom Jesus, se no ato de receber a chave da Igreja do seu servo eu deixasse de publicar as maravilhas de tão belíssima pessoa. (...) Praza aos céus que os habitantes de Belo Monte saibam agradecer cordialmente os benefícios que acabam de receber do Bom Jesus, que é uma prova que atesta do modo mais significativo os tesouros da sua infinita bondade e misericórdia”.⁷

Podes-se imaginar o quanto a festa, a música e o foguetório, “como sinal de regozijo e distinção”, tenham tomado conta dos ares e dos corações, conforme os seguidores de Conselheiro costumavam agir em situações semelhantes.⁸

Quanto as rezas, sabe-se que em Belo Monte os fiéis se reuniam para sua devoções e, entre eles, Honório Vilaçova lembra “as novenas de Santo Antônio”.⁹ Não poderia ser diferente, tratando-se do padroeiro do Arraial.

Sobre as festas religiosas, referindo-se expressamente a de Santo Antonio, escreve Edmundo Moniz:

“Nas festas religiosas, sobretudo nas do Divino e de Santo Antônio, a cidade embandeirava-se, estouravam-se foguetes, havia música, dança, canto e desafios ao violão. Os homens vestidos com roupas de couro disputavam no tiro ao alvo a melhor pontaria, diante da assistência atenta e ruidosa.”¹⁰

Mesmo sem todas as informações a respeito dos elementos que faziam parte dos festejos, as citações são suficientes para se perceber a existência e o valor dessas comemorações religiosas e populares de Santo Antônio, como padroeiro de Belo Monte.

FESTEJOS DE SANTO ANTÔNIO NA CANUDOS RECONSTRUÍDA

No início deste século, após a destruição total do Belo Monte em 1897, Canudos começa a ser reconstruída.

Em 1910, as primeiras famílias construíram uma capelinha de Santo Antônio, junto ao “Cruzeiro de Conselheiro” o único vestígio de Belo Monte que permaneceu em pé, no final do massacre. A respeito desta primeira capela, são lembrados fatos curiosos.¹¹

Quando o rio Vaza-Barris enchia, tomava a capelinha. Iam, com uma bacia, nadando, buscar a pequena imagem de Santo Antônio.

Dr. Urpia, de Salvador, que morava em Monte Santo, sede do município na época, possuía uma fazenda em Canudos, na qual o Sr. Reginaldo José de Matos era vaqueiro. Dr. Urpia realizou em Monte Santo uma festa de vaqueiros, dizendo que o dinheiro recolhido era para construir a Igreja de Santo Antônio em Canudos. O trabalho da construção do templo foi completado com o resultado de leilões realizados durante as festas do padroeiro.

Em 1911, a filha de Dr. Urpia enviou de Salvador uma imagem maior de Santo Antônio.¹²

Assim, Canudos renasce sob a proteção de Santo Antônio.

Se em Belo Monte falava-se em Novenas (nove dias de reza), desde o início da reconstrução de Canudos, os festejos foram sendo realizados em Trezenas (treze dias).

Vários são os elementos que contribuíam para fazer da festa de Santo Antônio um tempo marcante para o povo de Canudos e moradores da região. Fundamental sempre foi a atuação dos “Noiteiros” ou “Mordomos”, os animadores de cada noite. Preocupavam-se, especialmente, com os leilões, a gratificação dos tocadores de zabumba e com os fogos de artifício. Queriam que cada noite fosse a mais bonita, “para ver quem homenageava mais o Santo”, conforme expressão de dona Maria Canário.

A alvorada festiva, a zabumba a tocar o dia todo pelas ruas, inúmeros fogos desde a alvorada, ao longo do dia, e, especialmente, a noite, criavam um clima contagiante, onde tudo irradiava alegria e festa.

As rezas na Igreja eram com a participação de todo o povo, mas era a “família de Luizinho”¹³ quem animava. Os Hinos “todo mundo sabia e cantava”. O padre vinha de Monte Santo ou Euclides da Cunha, só nos dias 12 e 13.

O roteiro das rezas era o seguinte: Abertura, denominada “primeiro vênio”; Pai Nosso, Ave Maria e Glória, cantados; hino “Meu insigne português”; ladainha de Santo Antônio; hino “Que milagres quer achar”; outro hino de Santo Antônio, que podia variar cada noite, e, para finalizar, o Hino da Bênção. Segundo dona Salu, “o hino mais aplaudido” era:

“Glorioso Santo Antônio;
com Deus-Menino nos braços,
fazei com que Ele nos prenda
com seus amorosos laços.”

Terminada a reza, junto a Igreja, acontecia a dança do ludum e os leilões, cuja renda era para as despesas da Igreja. Após o leilão, realizava-se a entrega do “Ramo”,¹⁴ pelos “mordomos” da noite, na casa dos “mordomos” do dia seguinte, acompanhada por todo o povo, ao som da zabumba.

Os moradores de “Canudos velho” falam com muita animação “daquele tempo”:

“O povo era muito religioso.
A festa era precedida pela “noite das moças”
e, “noite dos rapazes”, dias 30 e 31 de maio.
Era festa religiosa e dançante. Todo o povo
amanhecia o dia, desde crianças até idosos.
Não tinha maldade, só alegria.” dona Maria
Canário)

“O povo era muito festeiro. Também os batizados e casamentos, sempre com muita festa. Meu casamento foi com cinco dias de festa.”(sr. Enoc Canário)

“Eram quarenta noites de reza. Trinta e uma noites de maio e as treze de Santo Antônio. Ninguém cansava.”(dona Salu).

Para a festa de Santo Antônio vinham gente de toda a região, desde Canché, Riacho da Pedra, Uauá, Monte Santo, Várzea da Ema, Macururé, Juazeiro, Bonfim, Euclides da Cunha e também de Salvador. “Até a pé muita gente vinha.”

“Quando iam embora, o povo de Canudos acompanhava e, retornando do caminho, retomavam a festa...”

Em Canudos vivia-se a mocidade.”
(dona Maria Canário).

Nas conversas, realizadas em grupos, tanto em Euclides da Cunha, como em Bendegó e Canudos, relembando a vida em “Canudos velho”, dava para perceber, nos olhos e na voz, um misto de alegria, vibração, emoção e saudades, bem como uma profunda dor pela segunda destruição de Canudos, através do açude Cocorobó.

“Quando Canudos se acabou, eu morri.”
(dona Salu)

SANTO ANTÔNIO NA NOVA CANUDOS

Com a construção da barragem do rio Vaza-Barris, a população de Canudos foi transferida para a fazenda vizinha, Cocorobó, onde já existia o povoado, edificado pelos funcionários do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS).

Dia 03 de novembro de 1967 foi o dia de levar a imagem de Santo Antônio a Cocorobó. Era o grande amigo, alguém íntimo da vida e da família de todos(as) que migrava. Foi marcada uma procissão para às 4.00 horas da manhã, encerrando com uma Missa na galeria do açude.

Grande número de devotos, de Canudos, Cocorobó e de regiões circunvizinhas participaram da cansativa caminhada. Muita emoção, choro e também muitos hinos e fogos.

Contam todos que a mulher que levava a imagem de Santo Antônio, dona Etelvina, moradora da região, dizia que “onde Santo Antônio ficava, ela também ficaria.” Durante a caminhada não deu uma só palavra, de emoção. Na volta, foi acidentada por um carro e morreu, sendo sepultada em Cocorobó.

Inicialmente, a imagem do Santo ficou na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, do DNOCS, onde foram realizados os festejos no ano seguinte. Em 1969, a festa de Santo Antônio aconteceu na Igreja em construção, coberta por uma lona, ficando a imagem do Santo na casa da família Canário.

Mesmo com a mudança do local, a tradição dos festejos de Santo Antônio permaneceu. Os “noiteiros” continuaram os mesmos e, vários deles, ou seus familiares, continuam até os dias de hoje, como é o caso de dona Ana Rosa e família, família Rabelo, família Canário, Antônio Baptista, e outros.

Da mesma forma, continuaram os fogos, a zabumba, os hinos e rezas, o leilão, a entrega do “ramo” e a dança do ludum.

Com o passar dos anos, outros hinos de Santo Antônio se tornaram conhecidos e foram introduzidos nas rezas, bom como outras invocações da Ladainha, com novos enfoques da vida do Santo. Passou a ser lido também, cada noite, um trecho da biografia do Padroeiro, para maior conhecimento do mesmo

Em 1986, com a chegada de uma comunidade de religiosas para o trabalho de evangelização e pastoral, e, especialmente, com a criação da paróquia de Canudos em 1987, tendo um padre com residência em Canudos, o roteiro das rezas foi mudando. Passou a ter Missa todas as noites e, dentro dela, os hinos, a ladainha, a leitura da vida do Santo.

A mudança mais significativa, destacada pelos devotos de Santo Antônio, foi o tema da festa, introduzido a partir de 1990, escolhido a cada ano pela comissão da festa e noiteiros, tornando os festejos um momento forte de evangelização. O tema geral é desdobrado em enfoques diversos, que são abordados cada noite, nas reflexões, hinos, dramatizações e símbolos que trazem presente a vida do Santo e a vida dos canudenses. Alguns dos temas das festas: “Santo Antônio e a Nova Evangelização”(1991); “Santo Antônio e as diferentes culturas”(1992); “Santo Antônio na História de Canudos”(1993).

Em 1991, com a participação da Prefeitura Municipal, foram ampliados os festejos populares, com barracas nas ruas durante as treze noites. O leilão, até então, realizado ao lado da Igreja, passa a ter uma barraca, ao lado de outras, na praça.

Assim, concluídas as celebrações na Igreja, é feita a entrega do “ramo”, com o acompanhamento de todo o povo, cantando, ao toque da zabumba:

É este o Santo Antônio de minha terra,
É esta a alegria do meu povo,
Em cada Santo Antônio que passa,
Esta gente fica alegre, assim, de novo...”

Em 1993, com a realização da Semana Cultural da Universidade do Estado da Bahia - UNEB em Canudos nos dias da trezena, a organização dos festejos na praça foi realizado pela Prefeitura, com a participação de conjuntos eletrônicos, festejos religiosos e populares tradicionais começaram a ser prejudicados. Nem sempre as programações e os elementos que caracterizada os festejos de Santo Antônio, desde suas origens, como é o caso da zabumba, do ludum, das rezas e do leilão, são respeitadas.

PARA CONCLUIR

Resta dizer que, mais do que a leitura deste escrito, para compreender “os festejos de Santo Antônio em Canudos”, é participando dos mesmos.

Já na fala do povo sobre os festejos, desde “Canudos velho” até hoje, ao contrário das reticências, do medo e do silêncio com que se referem à guerra, percebe-se satisfação, gozo e muita animação.

Constata-se o quanto a fé e a festa alimentam a vida do povo e são fontes de energia e resistência no meio de tantas agruras e ameaçam de morte. A festa de Santo Antônio é uma explosão de vida.

A festa do Santo, como amigo e familiar, é a festa do reencontro de pessoas amigas e familiares. É a visita de amigos e amigas; é o retorno à terra de familiares distantes. Há canudenses que moram em São Paulo e não perdem uma festa de Santo Antônio em Canudos.

Os festejos são um grande mutirão de fé e solidariedade, desde as equipes e comissões de preparação, os “noiteiros” que trabalham e dividem as despesas da sua noite, o leilão, onde cada devoto contribui com os brindes, de acordo com suas condições. Todos se encontram na reza, todos estão na praça.

Os festejos de Santo Antônio são mais uma prova de que “Canudos não morreu”, conforme expressão que dona Zefinha gostava de repetir. A fé e a devoção ao Santo Padroeiro do Belo Monte foram mais fortes do que a guerra

e não se deixaram afogar pelas águas que tomaram a segunda Canudos. Na terceira ou na Canudos atual, a animação continua.

Pode-se dizer que os festejos de Santo Antônio em Canudos, na sua dimensão religiosa e popular, são um “Sim à Vida”.

CITAÇÕES:

- 1 Palestra proferida em Canudos, no dia 02 de maio de 1995.
- 2 Nertan Macedo, Memorial de Vilanova, 2ª edição, Editora Renes, 74.
- 3 Idem, ibidem, 77.
- 4 Idem, ibidem, 107.
- 5 Alexandre Otten, “Só Deus é grande”- Edições Loyola 1990, 95-109.
- 6 Ferraz, Pinheiro, Santos Neto, Cartilha Histórica de Canudos, 1991, 31.
- 7 Ataliba Nogueira, Antonio Conselheiro construtor de Igrejas e Cemitérios, 76 e Manoel Benício, 1899-173.
- 8 José Calazans, Antônio Conselheiro construtor de Igrejas e Cemitérios, 76 e Manoel Benício, 1899, 69
- 9 Nertan Macedo, op. cit., 68.
- 10 Edmundo Moniz, Canudos: a guerra social, 2ª edição, Rio de Janeiro Elo, 1987, 50.
- 11 Entre outras pessoas, foram especialmente ouvidas, o Sr. Enoc Canário (1909), Dona Maria Canário (1913), Sr. Antônio Baptista (1909), Dona Salustiana dos Santos - "Salu"(1921) e Sr. João Reginaldo de Matos (1.907).
- 12 O nome da filha de Dr. Urpia é desconhecido pelo povo, assim como o sobrenome. Muitos falam simplesmente em Dr. Pia. As duas imagens de Santo Antônio de Canudos.
- 13 Sr. Luiz Bispo dos Santos, dono e tocador da zabumba, pai do Sr. Nicolau, também tocador de Zabumba, durante 60 anos, falecido em 1994. Pai também de Dona Zefinha, a "mãe da comunidade", falecida em 1995, e de Dona Salustiana (Salu), residente no povoado Bendegó município de Canudos.
- 14 "Ramo", inicialmente, era um ramo de flores plásticas, que durante a reza ficava no latar da Igreja. Mais tarde foi substituído por um Estandarte com a imagem de Santo Antônio, que continua a ser chamado de "ramo" até os dias de hoje.